

## UMA ARTE DAS DOSES: ensino mútuo, microgoverno das aulas e da vida no Rio de Janeiro (1816-1833)

*An art of doses: monitorial teaching, microgovernment  
of classes and life in Rio de Janeiro (1816-1833)*

*Un arte de las dosis: la enseñanza mutua y el microgobierno  
de las aulas y de la vida en Rio de Janeiro (1816-1833)*

JOSÉ GONÇALVES GONDRA

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: [gondra.uerj@gmail.com](mailto:gondra.uerj@gmail.com).

---

**Resumo:** Neste artigo exploro aspectos do chamado Sistema do Ensino Mútuo inspirado em postulações a respeito do poder formuladas por Foucault, condição e recurso para tornar pensáveis os investimentos na planetarização do referido Sistema. No caso, reflito sobre aspectos doutrinários, examinando elementos que permitem analisar o processo de circulação, apropriação e funcionamento do Ensino Mútuo na Capital do Império brasileiro entre 1816 e 1833. Para tanto, destaco a dimensão material e financeira das aulas mútuas, chamando atenção para as demandas de professores e o que se fazia necessário para o bom exercício do ofício e das classes no que se refere aos objetos, espaço físico e serviços. Os três pontos focalizados permitem redimensionar alguns dos princípios orientadores e contornos para sua efetivação, na medida em que se encontram articulados a determinadas condições e relações de poder ativadas no nível do microgoverno das aulas, pautadas na experiência da pedagogia mutualista ocorrida no Rio de Janeiro.

**Palavras-chave:** educação no Império brasileiro; sistema do ensino mútuo no Rio de Janeiro; Lancaster; disciplina e aulas mútuas.

**Abstract:** : In this article, I explore aspects of the so-called Monitorial System of Education, inspired by Foucault's formulations on power, as both a condition and a resource for making the investments in the system's planetary expansion conceivable. In this case, I reflect on doctrinal aspects, examining elements that allow me to analyze the process of circulation, appropriation and functioning of Monitorial Education in the Capital of the Brazilian Empire between 1816 and 1833. To this end, I highlight the material and financial dimension of monitorial classes, drawing attention to the demands of teachers and what was necessary for the good exercise of the profession and classes in terms of objects, physical space and services. The three points focused on allow me to resize some of the guiding principles and contours for its implementation, insofar as they are articulated with certain conditions and power relations activated at the level of the micro-government of classes, based on the experience of monitorial pedagogy that occurred in Rio de Janeiro.

**Keywords:** education in the Brazilian empire; monitorial system of education in Rio de Janeiro; Lancaster; discipline and monitorial classes.

**Resumen:** En este artículo exploro aspectos del llamado Sistema de Enseñanza Mutua, inspirado en las postulaciones de Foucault sobre el poder, condición y recurso para hacer pensables las inversiones en la planetarización de este sistema. En este caso, reflexiono sobre aspectos doctrinales, examinando elementos que permitan analizar el proceso de circulación, apropiación y funcionamiento de la Educación Mutua en la capital del Imperio brasileño entre 1816 y 1833. Para ello, hago hincapié en la dimensión material y financiera de las clases mutuas, llamando la atención sobre las demandas de los maestros y lo que era necesario para el adecuado ejercicio de la profesión y de las clases en términos de objetos, espacio físico y servicios. Los tres puntos en los que me he centrado permiten redimensionar algunos principios rectores y esquemas para su aplicación, en la medida en que están vinculados a determinadas condiciones y relaciones de poder activadas en el nivel del microgobierno de las clases, a partir de la experiencia de pedagogía mutualista que tuvo lugar en Río de Janeiro.

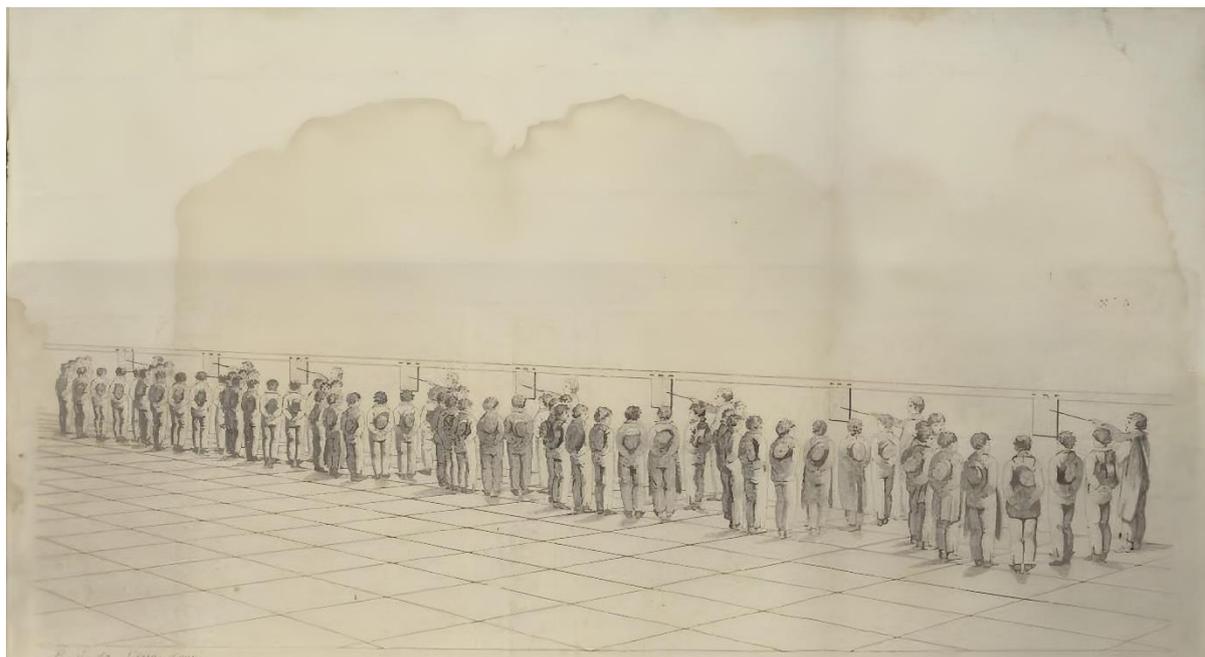
**Palabras clave:** educación en el Imperio brasileño; sistema de enseñanza mutua en Río de Janeiro; Lancaster; disciplina y clases mutuas.

## ENLACES

Que serviço mais interessante se pode fazer ao Estado do que o de lhe instruir os filhos? De todos os empregos públicos o mais interessante he o de educar bem a mocidade. O Estado de nada necessita mais que de bons Cidadãos; ora, a natureza não he quem os faz, he sim a boa educação.

(Lancaster, 1823, p. 84).

**Figura 1** – Sistema do Ensino Mútuo – Exercício em semicírculo na parede



Fonte: Lancaster (1823, p. 93).

No seminário intitulado ‘O poder psiquiátrico’, Foucault procura dar contornos a uma grade de inteligibilidade para a questão do poder. Para ele, o problema não consistia mais em responder à clássica indagação: o que é o poder? Abandona este tipo de interrogação, pelo que ela supõe de geral, total, universal e fixa. Neste sentido, seu interesse vai se deslocar desta velha forma de pensar e operar com a tópica do poder, propondo um inquérito de outra ordem. Interessa observar como o poder funciona, que sistema de diferenciação permite que uns atuem sobre os outros, quais objetivos são perseguidos, bem como reconhecer as modalidades instrumentais utilizadas, as formas de institucionalização implicadas e, por fim, o tipo de racionalidade em jogo.

Ao instalar no horizonte essas marcações preliminares, neste estudo, realizo dois movimentos. No primeiro, retomarei pontos cruciais da formulação de Foucault a respeito da genealogia do poder para, em um segundo movimento, tratar de uma das ‘artes das doses’ que circulou e foi objeto de ampla propaganda e de adesões bem

circunstanciadas. Um sistema discutido em vários quadrantes do planeta, interessando observar como chegou, foi difundido e as medidas adotadas para sua implementação, mas, sobretudo, observar os seus contornos, fundamentos, finalidades e agenciamentos na Capital do Império Brasileiro. Trata-se, portanto, de pensar o funcionamento do poder a partir da circulação e apropriação da pedagogia do chamado ‘Ensino Mútuo’ (Figura 1), ao longo do processo de emancipação do Brasil, considerando as remissões seminais contidas no Jornal *Correio Braziliense*, em 1816, e um conjunto documental que aponta para formas de institucionalização, bem como para as dimensões material, financeira e humana do chamado Sistema de Ensino Mútuo no Rio de Janeiro, sendo o último material localizado relativo ao ano de 1833.

## MOVIMENTO I

Afastando-se da forma tradicional de descrever o problema do poder, que, no limite, remetia ao chamado poder soberano<sup>1</sup>, desdobrando-se no problema da sua titularidade, isto é, o reconhecimento de quem tem e quem não tem poder, Foucault passa a trabalhar com a hipótese do poder disciplinar, que, no curso ‘O poder psiquiátrico’ (1973-74), aparece como algo discreto, repartido, que funciona em rede e cuja visibilidade se encontra tão somente na docilidade e na submissão daqueles sobre quem, em silêncio, ele se exerce (Foucault, 2006, p. 28). Com isto, descreve o poder a partir de 3 núcleos:

- a) O poder disciplinar implica uma apropriação total ou tende a ser uma apropriação exaustiva do corpo, dos gestos, do tempo, do comportamento do indivíduo.
- b) O poder disciplinar é contínuo, estando perpetuamente sobre o olhar de alguém ou na situação de ser olhado.
- c) O poder disciplinar é isotópico ou tende à isotopia. Neste caso, cada elemento tem seu lugar bem determinado; como as patentes no exército e a nítida distinção entre as diferentes classes de idade e, nas diferentes classes de idade, a posição de cada um na classe das escolas.

Essa formulação adquire outro volume e densidade no livro *Vigiar e punir*, publicado pela Gallimard em 1975, e traduzido no Brasil em 1977, com dois subtítulos: *História da violência nas prisões* e *Nascimento da prisão*. Estruturado em 4 grandes partes (Suplício, Punição, Disciplina e Prisão), a grande tese que Foucault pretende sustentar é que o fim dos suplícios não representou o fim da disciplina. Para ele, o fim

<sup>1</sup> O poder soberano, como exemplificado nas monarquias europeias pré-modernas, é caracterizado por uma autoridade centralizada (por exemplo, o rei) com o direito absoluto de decidir a vida e a morte (‘o direito de fazer morrer ou deixar viver’). Do ponto de vista jurídico-legal, essa forma de poder opera por meio de leis, proibições e rituais (por exemplo, execuções públicas) que buscam exibir o poder do soberano e dissuadir eventuais dissidências. Cf. Foucault (1991, 1999).

do castigo significou o ingresso na chamada sociedade disciplinar, marcada pela suavização das penas e adoção de mecanismos de controle considerados mais eficazes.

É possível perceber que o autor retoma e expande a formulação da tópica do poder e, particularmente, do poder disciplinar, que aparecera no seminário do ano anterior, 1973-74, passando a operar fora da preocupação a respeito do que é o poder, postulando uma maior atenção para o seu funcionamento em um complexo institucional que recobre as prisões, quartéis, hospitais, asilos, família e escolas, dentre outros. Com isto, um dos argumentos para pensar o poder consiste em reconhecer a inexistência de um centro do poder, observando sua ramificação, sua capilarização ou, em seus próprios termos, sua microfísica.

Nesse primeiro movimento, menos que propor o exame do conjunto de princípios operatórios empregados por Foucault para pensar o funcionamento do poder, focalizo o problema conceitual acerca da disciplina e do poder disciplinar, de modo a tentar acompanhar as dobras que produz em relação ao curso de 1973-74 e que se encontram bem desenvolvidas na terceira parte de *Vigiar e punir*.

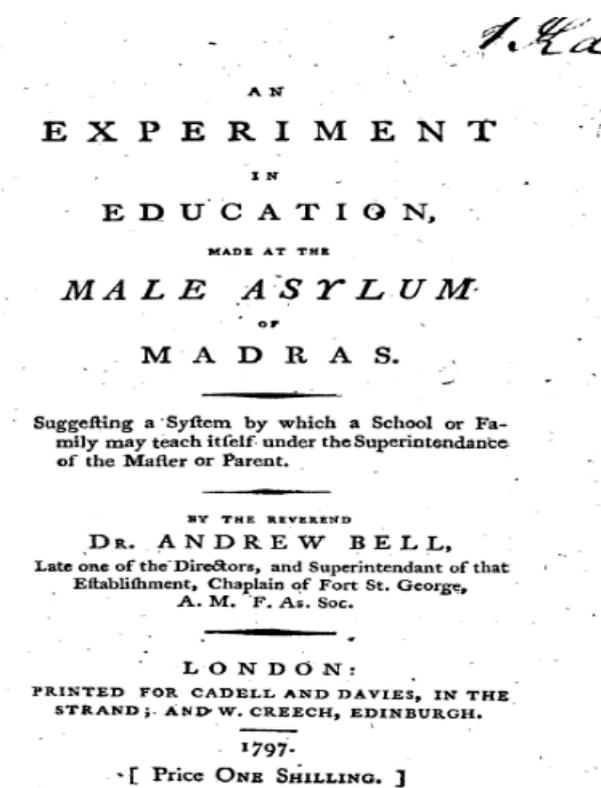
A 'Disciplina' é abordada em 3 capítulos:

1. Os corpos dóceis: A arte das distribuições; O controle da atividade; A organização das gêneses; A composição das forças.
2. Os recursos para o bom adestramento: A vigilância hierárquica; A sanção normalizadora; O exame;
3. O panoptismo.

Com base nessas tópicas, procura tornar visível a primeira ação sobre o corpo, mas, sobretudo, observar o que se constitui em novo nos esquemas de docilidade organizados a partir de meados do século XVIII. Com base nesses núcleos, dá a ver três aspectos novos:

- a) A escala do controle – não se trata de cuidar do corpo como se fosse uma unidade uma massa global, mas de trabalhar nos detalhes, de exercer uma coerção sem folga no plano dos movimentos, gestos, atitudes, rapidez.
- b) O objeto do controle – o funcionamento do corpo, a eficácia dos movimentos e os exercícios.
- c) A modalidade do controle – uma coerção ininterrupta, constante, que se exerce mais sobre os processos das atividades corporais de acordo com uma codificação que esquadrinha, ao máximo, o tempo, o espaço e os movimentos.

Figura 2 – Capa do livro de Andrew Bell (1797)



Fonte: Bell (1797).

Ao ter no horizonte essas observações, tentarei demonstrar a fertilidade das novidades apontadas para pensar os esquemas de docilidade contidos no sistema de ensino mútuo que adquiriu uma visibilidade sem precedentes a partir da espécie de relatório publicado em 1797 pelo reverendo anglicano Andrew Bell (Figura 2), no qual descreve o modo como dirigiu um asilo para meninos situado na região de Madras, na Índia, no final do século XVIII.

O livro traz a seguinte dedicatória:

Para o honorável presidente, o vice-presidente e os diretores da East India Company; o presidente do conselho de Fort St. George; e para os diretores do asilo masculino de Madras; este esquema do modo de ensino praticado em seu estabelecimento é respeitosamente inscrito por seu mais fiel e muito obediente servo (Bell, 1797, tradução nossa)<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> “To the honourable the chairman, the deputy chairman, and the directors, of the east india company; the president in council of fort st. George; and to the directors of the male asylum at madras; this scheme of the mode of teaching practised at their establishment, is respectfully inscribed, by their most faithful, and very obedient servant”.

Como se pode perceber, o livro do pastor anglicano dá publicidade a um novo esquema de ensino. Esquema esse que oferece uma maior nitidez dos contornos doutrinários no prefácio<sup>3</sup>, no qual Andrew Bell estabelece que, na educação dos jovens, três objetivos se apresentaram à sua mente: evitar o desperdício de tempo na escola; tornar a condição dos alunos agradável para eles mesmos; e direcionar a atenção para atividades adequadas. Em outras palavras, o objetivo era formar bons alunos, bons homens e bons cristãos. Encarregado de uma nova instituição e, pela situação, livre de qualquer preconceito ou obstáculo que pudesse deformar a mente ou limitar o esforço, o pastor anglicano afirma ter tentado todos os métodos que uma longa e sincera atenção à natureza e à disposição da juventude sugeria para alcançar resultados satisfatórios. Depois de muitas tentativas, com vários sucessos, admite ter chegado a um sistema que superara, em seu efeito, qualquer expectativa que tivesse formado e excedera, em muito, as esperanças mais otimistas dos diretores da instituição e de outros interessados no assunto. Segundo ele, o experimento realizado em Madras pareceu, para aqueles que testemunharam o resultado, convincente e decisivo em relação aos estabelecimentos de caridade. O plano de educação ali adotado foi, após a experiência de vários anos, recomendado para estabelecimentos semelhantes por aqueles cujas opiniões provavelmente tinham um maior peso. Desse modo, o relatório que produzira poderia funcionar como um orientador geral para a educação. O objetivo da publicação visava, pois, inspirar outras experiências semelhantes e que os seus sucessos, em todos os casos, pudessem ser verificados pela experiência.

A iniciativa editorial frutificou, visto que inspirou outras ações na metrópole inglesa, pois se apresentava como uma nova pedagogia, mais rápida, mais eficaz e mais barata para formar, sobretudo, os/as trabalhadores/as, seus/suas filhos/as e as populações mais pobres. O empreendimento que adquiriu maior visibilidade foi, sem dúvidas, o que se encontra associado às diligências de outro protestante londrino: Joseph Lancaster.

---

<sup>3</sup> PREFÁCIO. Na educação dos jovens, três objetivos se apresentaram à minha mente: evitar a perda de tempo na escola; tornar a condição dos alunos agradável para eles mesmos; e direcionar a atenção para atividades adequadas. Em outras palavras, meu objetivo era formar bons alunos, bons homens e bons cristãos. No comando de uma nova instituição e, pela situação, livre de qualquer preconceito ou obstáculo que pudesse deformar a mente ou restringir o esforço, tentei todos os métodos que uma atenção longa e sincera à natureza e disposição dos jovens sugeria para atingir esses objetivos de forma satisfatória. Depois de muitas tentativas, com vários sucessos, cheguei a um sistema que superava, em seus efeitos, qualquer expectativa que eu tivesse formado, e “excedia em muito as esperanças mais otimistas” dos diretores da instituição e de outros interessados no caso. Assim, o experimento, feito em Madras, pareceu àqueles que testemunharam o resultado, convincente e decisivo no que diz respeito aos estabelecimentos de caridade. O plano de educação, ali adotado, foi, após a experiência de vários anos, recomendado para estabelecimentos semelhantes por aqueles cujas opiniões costumam ter o maior peso. Até que ponto esse sistema se aplicará à educação em geral pode ser inferido do teor do relatório a seguir. O objetivo desta publicação é que outros ensaios semelhantes possam ser feitos e que os sucessos, em todos os casos, sejam verificados pela experiência (Bell, 1797, tradução livre).

## MOVIMENTO II

Em 1803, o britânico Joseph Lancaster escreveu aquele que pode ser considerado o principal livro a respeito da pedagogia que praticara na escola fundada anos antes em Borough Road, Southwark, Londres. Iniciativa que, por sua vez, foi inspirada na experiência relatada por seu conterrâneo Andrew Bell. Ao lado desse livro, que foi objeto de várias reedições<sup>4</sup>, produziu relatórios, viajou dentro e fora dos domínios britânicos, de modo a difundir o projeto, sobretudo na América (Estados Unidos, Venezuela, Colômbia, México, Canadá, etc.) (Gréard, 1911; Bastos & Faria Filho, 1999; Neves, 2003; Dusssel & Caruso, 2003; Caruso & Roldán Vera, 2005; Roldán Vera, 2013; Ferreira & Schwartz; 2014; Olivato, 2020; Gondra, 2025)<sup>5</sup>.

Mas em que consistia o projeto do protestante britânico? Como deveria funcionar? A que público deveria se dirigir? Que agenciamentos considerava estratégicos para que o Sistema efetivamente funcionasse? A que se opunha?

Para explorar esse questionário, dada a diversidade de estudos e materiais relativos ao chamado ‘Ensino mútuo’, focalizei uma tradução de um dos materiais de Lancaster realizada por um estudante português, como recurso para dar a ver a circulação desses postulados no mundo lusófono. Não quero, com isso, dizer que foi a primeira, tampouco a principal estratégia de circulação desse projeto no mundo lusófono, em língua portuguesa. Para sustentar essa afirmação, bastaria observar a campanha contida no *Correio Braziliense* em 1816. Ao contrastar com originais de Lancaster, o que foi publicado pode ser considerado um tipo de tradução de alguns postulados do inglês em foco (Limeira & Gondra, 2022), fora a prescrição da lei geral de ensino de 1827 que, certamente, se constitui em medida que oficializa e busca imprimir legitimidade e legalidade ao referido modelo nas terras brasilienses, com efeitos os mais diversos.

Não é o caso de aprofundar a reflexão a respeito da tradução do estudante. No entanto, dois elementos chamam atenção. O primeiro deles consiste na supressão da epígrafe contida no original, na qual consta um prefácio do bispo de Landaff, contendo uma espécie de diagnóstico e vacina.

Todas as nações, de fato, das quais temos algum relato, ao se tornarem uma torrente de moralidade depravada, têm, em todo estado opulento, derrubado com violência irresistível aqueles montes e cercas, pelos quais a sabedoria dos legisladores tentou proteger a castidade, a sobriedade e a virtude. Se algum controle pode ser dado à corrupção de um estado, que aumenta em riqueza e

<sup>4</sup> Neste estudo, trabalhei com as edições de Lancaster de 1805 e 1810, bem como a tradução para língua portuguesa, de 1823.

<sup>5</sup> Para o caso da América Latina, cf os estudos de Jáuregui (2003), Roldán Vera e Schupp (2005), Baeza (2016), Torres (2017) e Acevedo Tarazona & Villamizar Palacios (2024), dentre outros.

declina em moral, ele deve ser dado “não por leis promulgadas para alterar os hábitos inveterados dos homens”, mas pela EDUCAÇÃO ADAPTADA PARA FORMAR O CORAÇÃO DAS CRIANÇAS EM UM SENSO ADEQUADO DE EXCELÊNCIA MORAL E RELIGIOSA. Encargo do Bispo de Landaff (Lancaster, 1810, capa, grifo do autor, tradução nossa)<sup>6</sup>.

Ao promover um diagnóstico do presente, na epígrafe, recorre à retórica do bem contra o mal. No caso, contra o declínio da moral, o remédio consistia na oferta de uma educação adaptada para formar o coração das crianças, moral e religiosamente. Ao lado dessa supressão, o jovem portuense realiza uma outra intervenção que alerta para as operações do tradutor.

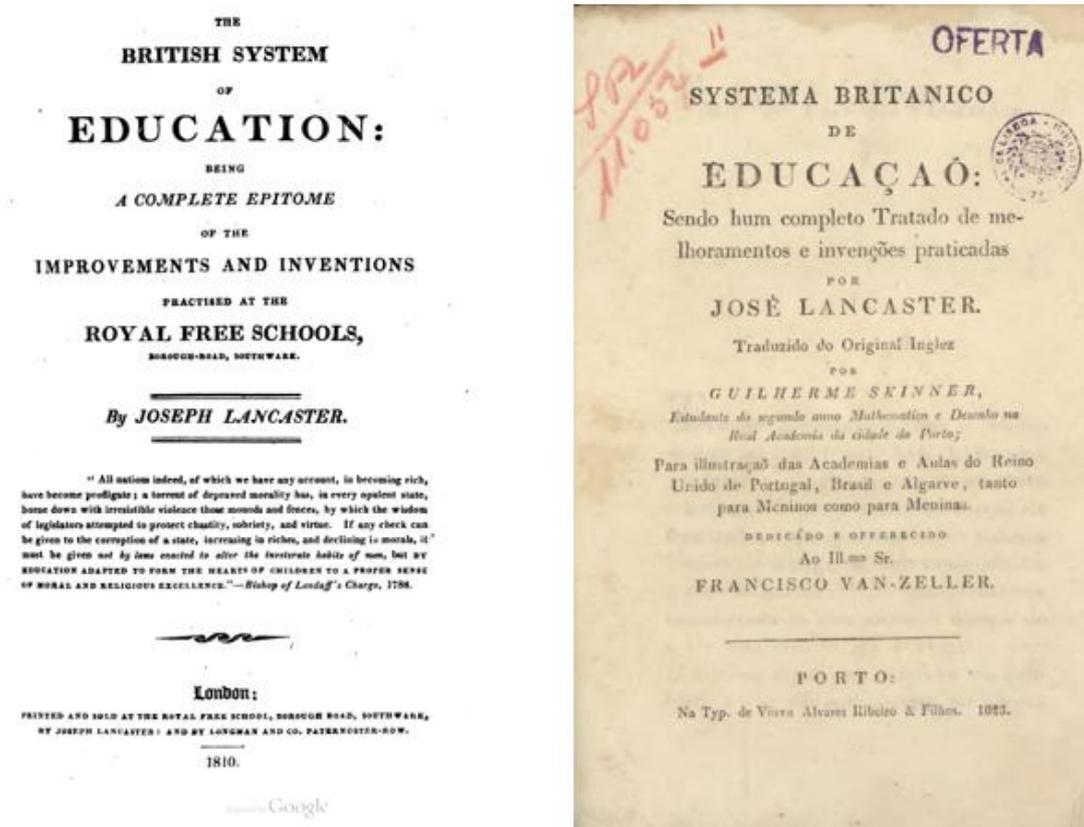
O frontispício da versão original representa uma das rotinas do sistema mútuo relativa ao ensino do alfabeto. Após um comando do monitor, os estudantes deveriam mostrar suas placas/cartazes/ardósias para provar que sabiam escrever uma frase que todo verdadeiro britânico deveria gravar, não apenas na memória, mas nos corações da nova geração, como um tributo de dever ao monarca, que deveria reinar no afeto de seu povo – ‘VIDA LONGA AO REI!’. No caso da tradução, o procedimento técnico é preservado, mas a frase é alterada para: ‘VIVA A RELIGIÃO’. A supressão do prefácio do bispo protestante e a mudança da frase fornecem dois indícios fortes da ação do tradutor em relação à palavra traduzida, demonstrando a força dos destinatários no jogo de apropriação e circulação da doutrina lancasteriana<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> All nations indeed, of which we have any account, in becoming rich, have become profligate; a torrent of depraved morality has, in every opulent state, borne down with irresistible violence those mounds and fences, by which the wisdom of legislators attempted to protect chastity, sobriety, and virtue. If any check can be given to the corruption of a state, increasing in riches, and declining in morals It must be given “not by laws enacted to alter the inveterate habits of men”, but BY EDUCATION ADAPTED TO FORM THE HEARTS OF CHILDREN TO A PROPER SENSE OF MORAL AND RELIGIOUS EXCELLENCE. Bishop of Landaff’s Charge (1788).

<sup>7</sup> Não é o caso de avançar no contraste entre o original e o texto traduzido. No entanto, as duas alterações sinalizadas são sugestivas das estratégias empregadas pelo estudante do Porto na tradução do texto de Lancaster, indicando que o mesmo pode ter promovido outras intervenções na versão para língua portuguesa.

Figura 3 – Capas dos livros de Joseph Lancaster (1810, 1823)



Fonte: Lancaster (1810, 1823).

O estudante do segundo ano de matemática e desenho na Real Academia da cidade do Porto informa, na capa, que a tradução do ‘original inglês’ (Figura 3) se destinava às Academias e Aulas do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve, tanto para Meninos como para Meninas, sendo ‘dedicado e oferecido’ ao Ilmo Sr. Francisco Van-Zeller, a cujo mecenato recorrera para assegurar a publicação do livro em 1823.

Na busca do apoio, ao dedicar o livro ao mecenas, o estudante do Porto afirma que o ensino mútuo adotado por Joseph Lancaster produzira, na Inglaterra, [...] hum excessivo adiantamento na primeira instrução da mocidade [...]” e que, por essa razão, segundo ele, todas as Nações da Europa tinham se esmerado colocá-lo em prática. Na sequência, assinala:

V. S<sup>a</sup> igualmente tem manifestado os seus ardentes desejos de o ver estabelecido em Portugal e seus Dominios, e por essa razão eu me deliberei a que elle apparecesse no idioma Portuguez traduzido do seu original; e julgo cora toda a ufania não poder procurar por Mecenas deste meu primeiro ensaio ele traducção senão a V. S<sup>a</sup>, a quem com o mais respeitoso acatamento o dedico: e espero merecer de V. S<sup>a</sup> aquelle agazalho que encontrão os que com decidido respeito são, como eu

De V. S<sup>a</sup> Muito attento Venerador (Lancaster, 1823, p. 8).

Ao ir ao encontro dos ardentes desejos do mecenas, encontrou o agasalho suficiente que assegurou as condições para a publicação da referida tradução. O material assume uma estrutura em torno de 17 núcleos, sendo que, no prólogo, apresenta motivos e condições nas quais desempenhara a tarefa.

#### PROLOGO

Parecendo-me que o dever de todo o homem he empregar o seu tempo com utilidade, tanto para si como para com todos; e vendo eu que do tempo dos meus estudos me sobejavaõ alguns entrelavos, lancei maõ da presente obra para a traduzir em Portuguez: bem conheço que os meus poucos annos e os meus talentos naõ podem levar a hum excellente grão de perfeição esta traducção; porem, como o meu intento he ser util á Nação com huma obra que julgo ser-lhe muito interessante por ser a primeira que sahe á luz, e que seu Author JOSE' LANCASTER com ella tanto bem fez á mocidade ;por isso espero desculpa da benevolência dos leitores, pois, como já em toda a Europa se acha estabelecido este Systema de Ensino Mutuo, bom será que em Portugal e seus Domínios se adopte, e que os Srs. Professores fação toda a diligencia em guiar seus discípulos pelo methodo de tão Illustre Author Britânico (Lancaster, 1823, p. 9).

Como se pode perceber, o estudante portuense recorre à retórica da humildade e utilidade, chamando atenção para sua pouca idade, talento e bem que o sistema proporcionava à mocidade. Não fosse suficiente, apela para a hipérbole da difusão do sistema, informando que o mesmo já se encontrava estabelecido em toda a Europa, razão suplementar para obter apoio para a publicação do guia a ser adotado pelos professores em Portugal e todos os seus domínios.

Para efeitos deste artigo, exploro os pontos nos quais trata da escala, objeto e modalidade do controle que estruturam o sistema do ensino mútuo, autorepresentado como novo, moderno, rápido, eficaz e barato. Ao lado do quántuplo benefício da nova pedagogia, os seus doutrinadores e propagandistas apelam também para argumentos de ordem moral e política. Afinal, adotado conforme os rígidos protocolos, o sistema também advogava seu caráter preventivo em relação aos contágios, ociosidade e criminalidade. Cabe, com isso, deter-se um pouco mais pacientemente nas artes das doses para dar a ver a escala, objeto e modalidade do controle do referido sistema. Ainda que tais elementos apareçam de forma transversal no material, realizei uma incursão em três partes do livro traduzido, nos quais tais componentes aparecem de modo mais concentrado, detendo-me mais no exame do primeiro ponto.

Objeto de controle – o funcionamento do corpo, a eficácia dos movimentos e os exercícios são abordados em várias partes do guia traduzido. Destaco aqui a parte IV, em que o centro gira em torno do MÉTODO DE ENSINAR O ALFABETO OU PRIMEIRA CLASSE, estruturado em seis itens: Método auxiliar de ensinar o Alfabeto escrevendo

na areia ou lousa; Novo método de ensinar o Alfabeto; Segunda Classe; Novo método de ensinar a soletrar escrevendo; Um método de ensinar a ler e escrever, pelo qual um livro servirá em lugar de seiscentos; Método extemporâneo para soletrar.

Como se pode observar, as multidões a serem atendidas em uma aula, de acordo com os princípios normativos do sistema do ensino mútuo, deveriam ser agrupadas em classes, indicador da diferenciação e da hierarquização nas aulas. Outro ponto remete aos materiais ou instrumentos de ensino: areia, lousa e livros e, por fim, um terceiro destaque ao emprego da técnica da soletração. Contudo, se esses três apontamentos dão alguma medida do objeto a ser controlado, são insuficientes para perceber as sutilezas da engrenagem. Cabe, portanto, realizar mais uma escavação no material para dar a ver a sofisticação e rigidez do controle a ser exercido sobre os corpos no ensino do alfabeto para a primeira classe.

De acordo com o guia traduzido, a primeira classe deveria ser composta por meninos (eu acrescento, meninas)<sup>8</sup> que ainda não soubessem o alfabeto. Esta classe seria composta por qualquer número dos/as que não tivessem feito “[...] suficientes progressos para distinguir todas as letras do alfabeto à primeira vista” (Lancaster, 1823, p. 19). Na sequência, estabelece a proporção dos decuriões – 1 para cada 20 estudantes, bem como a função de ambos. Para os monitores, o dever de ensinar e, para os/as discípulos/as, o dever de aprender.

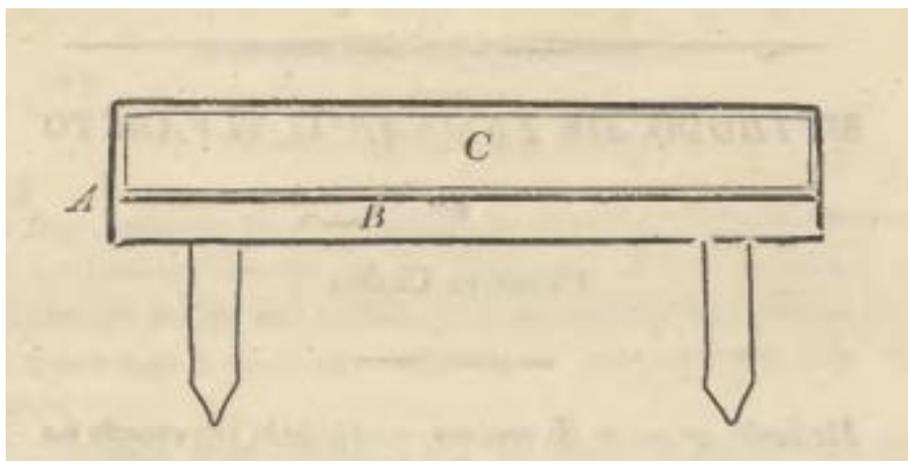
A estratificação das aulas é objeto de uma atenção especial. Segundo Lancaster, o verdadeiro nome de cada classe é de bastante importância. Para ele, a classe em que se encontravam todos/as aqueles/as que não soubessem o ABC deveria se chamar ‘primeira classe’, ou classe do ABC. Estabelecida a distinção, aprofunda na possibilidade de reconhecer e fixar as diferenças internas nas aulas, o que remete ao problema do mobiliário. Para o doutrinador britânico, o banco para os/as meninos/as se sentarem deveria ser firme no chão e, ao pé deste, palmo e meio mais alto<sup>9</sup>, deveria haver outro, igualmente fixado no chão, para nele escreverem. Não bastasse o descritivo, ele acrescenta uma ilustração para impedir folgas na leitura e nos modos de funcionamento das classes e posicionamento dos corpos.

---

<sup>8</sup> Cf. Relatório da Repartição dos Negócios do Império relativo ao ano de 1833 no qual constam informações acerca das escolas de ensino mútuo para meninas no Rio de Janeiro e em outras Províncias. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=720968&pagfis=35> Acesso em 26 de fev de 2025.

<sup>9</sup> Como se trata de uma tradução da língua inglesa, provavelmente está se referindo à *span* (palmo). Um palmo, de acordo com essa unidade de medida, corresponde a 9 polegadas ou 22,8 cm.

**Figura 4** – Croqui do mobiliário escolar de uma aula de ensino mútuo



Fonte: Lancaster (1823, p. 20).

Ao apresentar uma espécie de croqui do mobiliário (Figura 4), também estabelece o modo correto de uso. Desse modo, a letra A mostra toda a superfície da escrivaninha e a letra B indica a existência de um espaço vazio onde os/as meninos/as deveriam encostar seus braços esquerdos, enquanto escreviam com a mão direita. A letra C define um espaço onde estaria a areia. Este espaço deveria estar pintado de preto, de modo que o fundo preto lhes mostrasse as figuras desenhadas quando os/as discípulos/as fizessem as letras na areia branca. As linhas dobradas marcam as régua de uma polegada<sup>10</sup> de altura, formando uma caixa onde estaria a areia; que poderia ser de qualquer qualidade, contanto que estivesse seca.

O mobiliário, composto por dois bancos fixos, antecipava a liturgia dos procedimentos a serem adotados no método de ensino do alfabeto. No entanto, a dramaturgia prossegue com a definição das ações a serem executadas pelos agentes das classes. Assim, os/as meninos/as escreveriam com os dedos na areia a partir de um comando de voz dado pelo decurião. Aqueles/as que soubessem escrever e distinguir algumas de suas letras deveriam ser postos/as ao pé de um/a que ainda não soubesse, tendo o cuidado de o/a ajudar; de sorte que pudesse copiar as letras formadas, vendo o/a outro/a fazê-las. Para o protestante britânico, este modo de copiar um do/a outro/a representava um grande passo para o adiantamento.

A encenação deveria prosseguir com a taxonomia das letras e suas complexidades. Para tanto, trabalha com 3 tipos de dificuldades, indicando uma rota

<sup>10</sup> O emprego dessa unidade de medida remonta ao antigo império romano, sendo equivalente à largura média de um polegar. Esta medida apresentava inconvenientes, uma vez que a largura dos polegares não é igual em todos os seres humanos. Por esse motivo, em 1959, os países que utilizavam essa medida, tais como Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, África do Sul, Austrália e Nova Zelândia acordaram estabelecer uma relação entre a polegada e o centímetro. Esse acordo estabeleceu que uma polegada seria equivalente a 2,54 centímetros.

segura para o ensino. As letras deveriam ser ensinadas em ordem, arranjando-as em três classes, conforme a similaridade da sua forma. Para o pastor inglês, havia três exemplos que regulavam a formação de todo o alfabeto.

No primeiro grupo, encontram-se as letras que podiam ser escritas com linhas; tais como as letras I, H, T, L, E. O segundo inclui as que exigiam a formação de um ângulo ou mais; tais como A, V, M, N, Z. O terceiro corresponde às letras que exigiam a formação de um círculo ou uma curva; como O, U, C, J, G, D, P, B, Q, S.

De acordo com o livro, este ordenamento de letras favorecia um aprendizado mais rápido em virtude da similaridade da forma. A maior dificuldade em ensinar as letras ocorria, segundo o guia, naquelas cujas formas se assemelhavam, distinguindo-se, unicamente, pela mudança de posição: p, q, b, d. Frequentemente se tomava umas pelas outras; mas, fazendo ambas as letras ao mesmo tempo, o/a menino/a as distinguiria imediatamente.

A liturgia do ensino do alfabeto conjugava um ordenamento pelas dificuldades, com a repetição. Para Lancaster, os/as discípulos/as, expostos/as uma vez ao exercício, deveriam ser obrigados/as, outra vez, a fazerem as letras ao mesmo tempo e isto seria tão curioso como divertido, ver um número “[...] de pequenas criaturas, que alguns não teriam mais que quatro ou cinco anos de idade, apenas estendendo seus pequenos dedos para fazerem as letras” (Lancaster, 1823, p. 21). Por fim, logo que isto tivesse sido executado, descansariam até que a areia fosse alisada pelo decurião com um bornidor, tal como se usa para bornir a roupa, ou de pau de forma semelhante. A areia estando bem seca, todas as letras seriam apagadas imediatamente, e os/as meninos/as voltariam a usar os dedos, conforme o procedimento anterior.

Se o banco comparece como elemento obrigatório nas aulas do ensino mútuo, uma outra parte se constitui em condição para o sucesso desse modelo: a parede. De acordo com Lancaster, o novo método de ensinar o alfabeto requer um papelão suspenso em um prego na parede da aula, em torno do qual oito meninos/as da primeira classe deveriam se posicionar em um semicírculo diante do seu alfabeto, estando nos seus números 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8. Estes números deveriam estar em uns bilhetes de papelão suspensos por uma fita ao redor do pescoço com os ditos números inscritos. O mais sábio ocuparia o primeiro lugar, sendo condecorado com um bilhete de couro dourado, e nele escrita a palavra ‘Merecimento’, como um distintivo de honra. Será sempre a ele que o decurião perguntará em primeiro lugar. Ao apontar para uma das letras do alfabeto, indagará: ‘Que letra é esta?’ Se ele responder prontamente que letra é, lhe dirá ‘Muito bem’, conservando o seu lugar na classe; e se ele errar, perderá o seu lugar, bilhete e número, que irá para aquele que bem respondesse<sup>11</sup>. Para o doutrinador londrino do mutualismo, este plano promovia uma

---

<sup>11</sup> De acordo com estudo de Tronchot (1973 como citado em Foucault, 1999), os alunos deviam receber mais de 200 ordens por dia. Pela manhã, 26 comandos de voz, 23 por sinais, 37 batidas da campainha e 24 por apito, o que corresponde a um apito ou toque de campainha a cada 3 minutos.

constante emulação, atraindo sempre a atenção do decurião, na medida em que ele não podia olhar para o lado enquanto o/a menino/a estivesse repetindo as letras; expediente que evitava a desatenção.

Bancos, bancadas, areia seca, bornidor, pau de forma, prego, papelão, bilhetes compõem o arsenal dos utensílios a serem empregados no ensino mútuo, isso sem contar a existência de um espaço amplo que pudesse abrigar até 1000 discípulos/as distribuídos/as em classes, de acordo com o adiantamento, o que implica pensar em uma física das escolas, em uma arquitetura igualmente nova, alinhada aos princípios da higiene pública, tema bastante caro em um tempo em que a mortalidade infantil era bastante alta e a expectativa de vida muito baixa. Esse conjunto de elementos e as prescrições detalhadas a respeito do funcionamento das escolas baseadas no mutualismo pedagógico fornecem uma medida bastante precisa do objeto do controle, a partir da classificação e funcionamento dos corpos, a eficácia dos seus movimentos e dos exercícios previstos.

Dois elementos adicionais oferecem um suplemento para dimensionar o controle contido na pedagogia dos decuriões. Ao defender a técnica da soletração ou do ditado para a aprendizagem do alfabeto, o protestante londrino sintetiza as vantagens desse método nos seguintes termos

Este methodo he inteiramente hum melhoramento, huma addição, e huma introdução para os outros estudos, sem nenhum outro trabalho da parte do mestre, e sem perturbar ou impedir a sua atenção para outros estudos, como succede usualmente no caso de lições diferentes ao mesmo tempo; finalmente, dobra o progresso de cada hum para a sabedoria, ao mesmo tempo adquirindo todas estas cousas, previne preguiça, e cria aquelle grande desejo nas aulas de quietação, naõ por castigo, mas por ser precisa muita atenção; porque, como as suas lições requerem muita escripta, poucos podem escrever e fallar ao mesmo tempo (Lancaster, 1823, p. 27).

Como destacado pelo formulador do sistema do Ensino Mútuo, as vantagens são muitas, pois prometia dobrar o progresso na aprendizagem do alfabeto, prevenir a preguiça e, ainda, obter um ambiente quieto, sem o emprego do castigo. Conquista decorrente de uma fórmula na qual não deveria haver espaço para o ócio, já que os/as alunos/as deveriam se encontrar em constante atividade, posto que as lições prescritas requeriam atenção contínua por meio dos muitos exercícios de escrita na caixa de areia, nos semicírculos e na soletração.

O outro elemento consiste em retomar o conjunto dos utensílios exigidos para uma aula mútua. Para que uma escola funcionasse de acordo com os protocolos estabelecidos na pedagogia monitorial, o que isso representaria em termos de valor? O livro da Lancaster é omissos em termos de informações relativas à dimensão

financeira requerida para tornar efetiva uma aula mútua. No entanto, uma pequena e expressiva coleção localizada no Arquivo Nacional permite uma aproximação desse ponto crucial na criação, manutenção e continuidade do sistema monitorial na capital do Império brasileiro.

Na segunda feira, em 6 de setembro de 1830, o professor da Freguesia de Santa Rita, Venâncio José da Costa, relaciona um conjunto de objetos necessários para a aula que ministrava.

**Figura 5** – Lista das despesas com utensílio da Aula de Ensino Mútuo da Freguesia de Santa Rita (Corte do Rio de Janeiro, 1830)

*Despesa dos Utensílios da Aula do Ensino Mútuo da Freguesia de Santa Rita desta Corte no Imperial Seminário de S. Joaquim, que vai fornecer todo o complemento da mesma Aula para seguimento de seu exercicio.*

Pedras 100 a 400 reis.	48,000
Canetas 100 a 240 reis.	24,000
Marcos de lapis 12	4,800
Hum livro em branco para matricula.	8,000
Humna pasta	2,000
Tisoura	1,600
Canivetes 4 a 2,000 reis	8,000
Diccionario da Lingua Nacional.	36,000
Cordas de tripa, e Fios das pranttas.	15,200
Espanjas 4 libras a 3,000 reis.	12,000
Piedra de amolar	1,280
Campanhas 2.	4,800
Barbante	1,280
Chumbo para apertar pennas na accao de a para,	960
Tinteiro	2,000
Espanador de pennas	8,000
Varredores	320
Agulhas 2	1,600
Compasso, e tiralinhas	1,600
Summa toda a despesa na quantia de	
cento oitenta hummil quatro centos e quarenta	181,440
Rio de Janeiro 6 de Setembro de 1830.	
Venancio Jose da Costa	

Fonte: Arquivo Nacional – Série IE5-01 – Fundo 93.

A lista com as despesas da Aula da Freguesia de Santa Rita (Figura 5), que funcionava no Imperial Seminário de São Joaquim<sup>12</sup>, na Corte, era composta por 19 itens: pedras, canetas, maços de lápis, livro branco para matrícula, pasta, tesoura, canivetes, dicionário da Língua Nacional, cordas de tripa, esponja de amolar, campainhas, barbante, chumbo para assentar penas, tinteiro, espanador de penas, varredores, apitos, compasso e tiralinhas. O total desses itens, considerando as quantidades variáveis como consta na tabela, corresponde ao valor de 181\$440 réis<sup>13</sup>, conforme documento assinado pelo professor Venancio José da Costa<sup>14</sup>. Em termos de volumes, é possível deduzir que os itens mais consumidos eram as pedras (100), canetas (100) e lápis (12 maços), sendo o dicionário da Língua Nacional o item mais caro, considerando-se o valor de 36\$000 pago por uma unidade, correspondendo a quase 20% do valor total dessa lista.

O funcionamento da escola de Santa Rita requeria utensílios semelhantes ao da escola da Freguesia de Sacramento, com uma diferença marcante. Nesse caso, o professor solicitava 2 resmas de papel almaço, 6 maços dito de peso, 400 penas de escrever, 1 dúzia de lápis, 8 macinhos de pedra, tinta para escrever, 4 vassouras, 1 mês do preto que serve a aula<sup>15</sup>, totalizando 28\$950. Cabe sublinhar que a despesa com o 'preto' era da ordem de 8\$000 mensais, o que correspondia a cerca de 27% do valor solicitado pelo professor Francisco Joaquim Nogueira Neves.

---

<sup>12</sup> Durante a regência trina permanente, o Ministro do Império Lino Coutinho aprovou verbas para reformar o antigo Seminário São Joaquim – um Colégio de Padres Jesuítas –, que seria transformado em 1824 no Imperial Seminário de São Joaquim. Passava então à inspeção da Câmara Municipal do Rio de Janeiro como estabelecimento de ensino de instrução primária gratuita destinada a órfãos e desvalidos, filhos de militares e funcionários públicos, admitindo também alunos pensionistas. Cf. Andrade (2011).

<sup>13</sup> Para não dar margem a dúvidas, observar que o valor também é registrado por extenso. Uma noção do poder de compra pode ser feita por meio da comparação dos itens da própria lista. Outro expediente é comparar com valores de outros produtos, como é o caso dos anúncios do *Diário Mercantil* ou *Novo Jornal do Comércio* de 6 de setembro de 1830. O primeiro anúncio corresponde à venda de escravos. Um preto bom para qualquer serviço estava sendo vendido por 330\$000 e um ótimo cozinheiro estava sendo anunciado ao preço de 550\$000. Já a assinatura desse *Diário*, por 4 meses, correspondia a 4\$000. Se fosse uma assinatura anual, o valor seria de 12\$000.

<sup>14</sup> Atuou por anos na Freguesia de Santa Rita, sendo transferido, em 1838, à revelia, para a Freguesia de Paquetá. Em 20 de novembro de 1840 o *Correio Oficial* registra solicitação do referido professor para o pagamento de 20\$000 relativos às despesas realizadas no mês de setembro. Não há remissões ao ensino mútuo nas 11 ocorrências a esse professor contida nesse jornal nos anos 1830.

<sup>15</sup> A presença de um 'preto' para prestar serviço na aula de ensino mútuo do professor Francisco Neves aponta para a existência do trabalho regular de um homem preto para o funcionamento da aula/escola, sem que seja possível afirmar sua condição jurídica: escravizado, livre ou liberto. É possível que fosse um dos 'escravos da nação', mas poderia ser também um escravizado de ganho ou um escravizado alugado para realizar os serviços da escola. A indefinição da condição do prestador de serviço se vincula ao valor solicitado pelo professor, não sendo possível precisar o destino do valor. A respeito da presença de africanos em instituições escolares, cf. Silva (2023), Fonseca e Barros (2016), Mac Cord, Araujo e Gomes (2017), Paiva (2006) e o dossiê 'História da educação e populações negras' da *Revista Brasileira de História da Educação* (Barros, Arantes, & Gondra, 2022).

Esse mesmo professor, em 10 de dezembro de 1830, enumera as despesas extraordinárias com pedras, canetas, canivetes, vidros, esponjas, barbante, tinteiros pequenos, campainhas, toalhas e canecas sem que, para essas últimas, apresente valores individuais e global. Esse conjunto de objetos era o que considerava necessário para manter a Aula de Ensino Mútuo e o atendimento aos 100 meninos na Freguesia de Sacramento.

**Figura 6** – Lista das despesas com utensílio da Aula de Ensino Mútuo da Freguesia de Sacramento (Corte do Rio de Janeiro, 1830)

*Relação da despesa mensal que fazem 100 Meninos na Aula de Ensino mútuo da Freguesia de S. Sacramento da antiga Si. desta Corte.*

2 Duzias de papel almocede	4000	94600
2. Almas d'ite de peso	400	2400
400 Pennas de escrever.	800	3200
1 Duzia de lapis.	400	2400
8 Macinhuos d'ite de pedra.	400	3200
Tinta para escrever.		14920
4 Bafsonas.	50	2240
1. Mez de Preto que serve a estiba.		8000
		<u>187950</u>

Rio de Janeiro 10 de Dezembro de 1830.

Francisco Joaquim Nogueira Neves

NB  
Tambem ha despesas extraordinarias.  
Pedras, e Canetas.  
Canivetes, e Vidros.  
Esponjas, e Barbante.  
Tinteiros pequenos, e Campainhas.  
Toalhas, e Canecas.

Fonte: Arquivo Nacional – Série IE5-01 – Fundo 93.

Como se pode observar, o professor Francisco Joaquim Nogueira Neves, em 28 de junho de 1833, detalha aspectos ausentes na listagem de 1830 (Figura 6). Aqui, cabe destacar a especificação para os vidros para os quadros de leitura, terra para os quadros

de escrita, Coleção de leitura de Barker<sup>16</sup>, Compêndio de leitura para meninos, Compêndio de aritmética em forma de diálogo, Compêndio de Simão de Nântua<sup>17</sup>, Compêndio expositor português, Resumo da História do Brasil por Belegarde<sup>18</sup>, Resumo de geografia por um brasileiro, Tesouro de meninos<sup>19</sup>, Compêndio de Eusebio Vanerio, Compêndio de Ventura, Compêndio da Economia da vida humana e compêndio da História sagrada<sup>20</sup>.

**Figura 7** – Lista das despesas com utensílios da Aula de Ensino Mútuo da Freguesia de Sacramento (Corte do Rio de Janeiro, 1833)

Item	Quantidade	Valor
1. Mesa e duas Bancas tudo pintado a d. r.		168000
12. Lousas para o exemplar das d. r.	40	8000
13. Quadros para exemplares de escrita a	600	288000
13. Quadros para o ditado a	280	128000
14. D. r. grande para os quadros de leitura a	560	288000
15. Quadros para os quadros de escrita a	560	288000
6. Finteiros pequenos para escrever a	200	180000
5. Durcas de pedras a	3800	1380000
30. Canetas a	240	288000
Conceto de cinco cadeiras a	320	180000
10. Coleções de leitura p. Barker a	7000	1400000
10. Compêndio de leitura para meninos a	300	300000
10. D. r. de arithmetica em forma de dialogo a	200	200000
1. Hum carpinteiro de fazer e forrar em madeira		28000
400. Foga a	280	180000
1. Lista de expensas feitas		28000
1. D. r. de foga		8000
1. Compêndio de Simão de Nântua		28000
1. D. r. expositor português		18000
1. O Resumo da historia do Brasil p. Belegarde		38000
1. D. r. de Geographia p. hum Brasileiro		18000
1. Tesouro de meninos		28000
1. Compêndio p. Eusebio Vanerio		18000
1. D. r. de Nântua		288000
1. D. r. da Economia da vida humana		18000
1. D. r. da Historia sagrada		28000
<b>Total</b>		<b>1578000</b>

Rio de Janeiro 28 de Junho de 1833  
Francisco Joaquim Aguiar Neves

Fonte: Arquivo Nacional – Série IE5-01 – Fundo 93.

<sup>16</sup> Refere-se a Antonio Maria Barker, professor de instrução primária, de colégio de meninos internos e externos e autor de uma coleção de compêndios destinados à escolarização inicial.

<sup>17</sup> Cf. Oliveira (2019).

<sup>18</sup> Cf. Gasparello (2015).

<sup>19</sup> Cf. Sena (2014).

<sup>20</sup> A respeito dos livros de leitura no Império, há bons estudos. Dentre eles, sugiro os de Tambara (2002), Teixeira (2006, 2008) e Teixeira e Gondra (2010).

**Figura 8** – Lista dos serviços da Aula de Ensino Mútuo da Freguesia de Sacramento (Corte do Rio de Janeiro, 1832)

*Relação das despesas que se fizeram com o concerto da Aula e leccionar de Ensino-mútuo da Freguesia de St. Sacramento da antiga e de desta Corte, a seguinte.*

Jornas de Carpinteiros . . . . .	124 44 00
Ditos dos Pedreiros . . . . .	52 44 80
Serventes . . . . .	17 46 00
Pintor . . . . .	24 40 00
FORAGEM . . . . .	11 47 40
Mitrias de Pedreiros . . . . .	65 41 00
Madeiras . . . . .	113 11 06
Administração do Mestre . . . . .	20 44 80
	<u>428 49 06</u>

*Importa esta feição em quatrocentos vinte e oito mil novecentos e seis.*

*Recibi do Sr. Theodoro José Biencardi, acoutado a si e a mencionada.*

*Rio de Janeiro 12 de Junho d'1830.*

*Jose Paquero Lopez*

*Com a Presença do Sr. Theodoro José Biencardi*

*12 de Junho d'1830.*

*Theodoro José Biencardi*

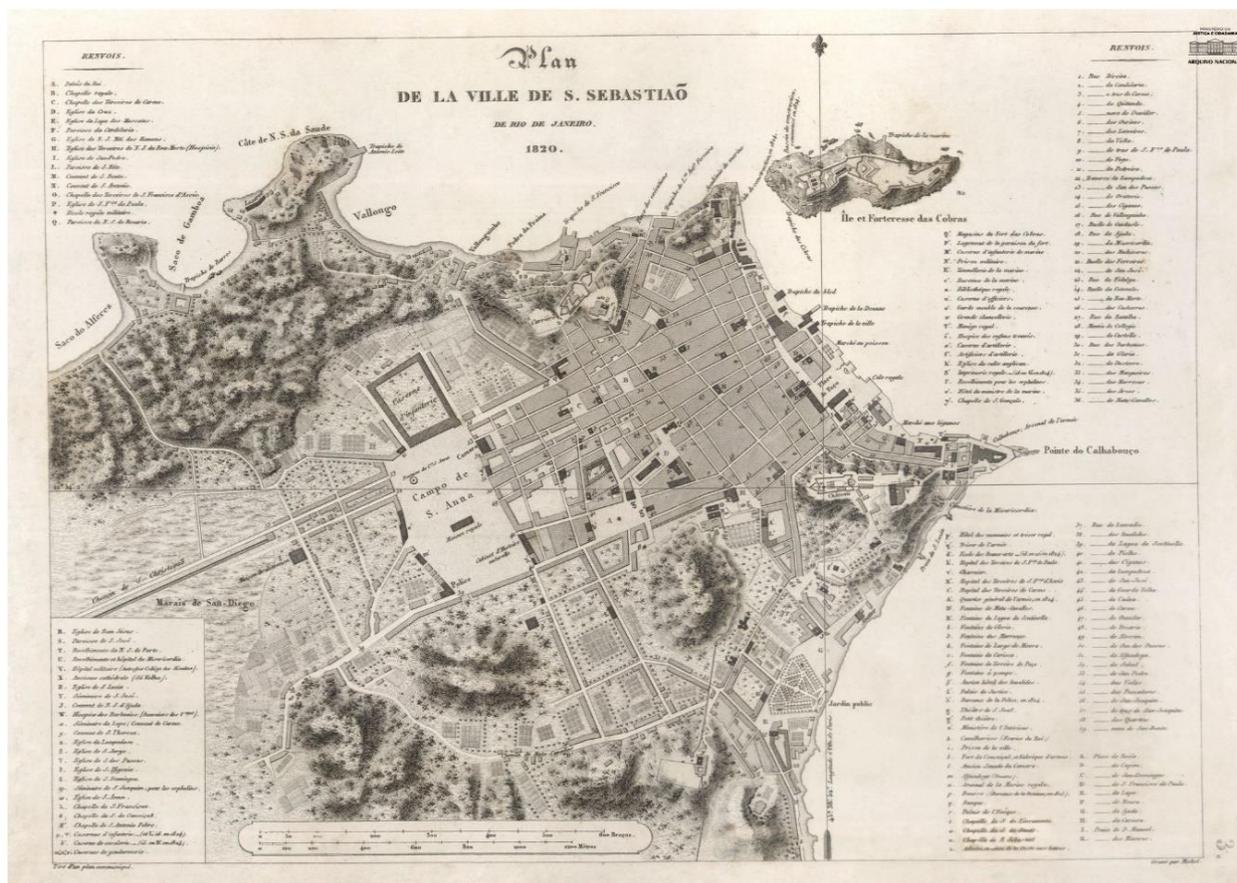
Fonte: Arquivo Nacional – Série IE5-01 – Fundo 93.

Ao lado dos utensílios, da adaptação e locação (Figura 7), outro aspecto precisa ser levado em consideração e se refere, precisamente, aos serviços necessários para a manutenção das aulas. De acordo com a lista enviada pelo conselheiro Theodoro José Biencardi, em 12 de junho de 1830, era necessário pagar os serviços de carpinteiros, pedreiros, serventes, pintor, forragem, mitrias de pedreiro, madeira e um valor para administração do mestre (Figura 8). Tudo isso totalizava 428\$906, um valor muito superior ao das listas com mais itens e as mais detalhadas.

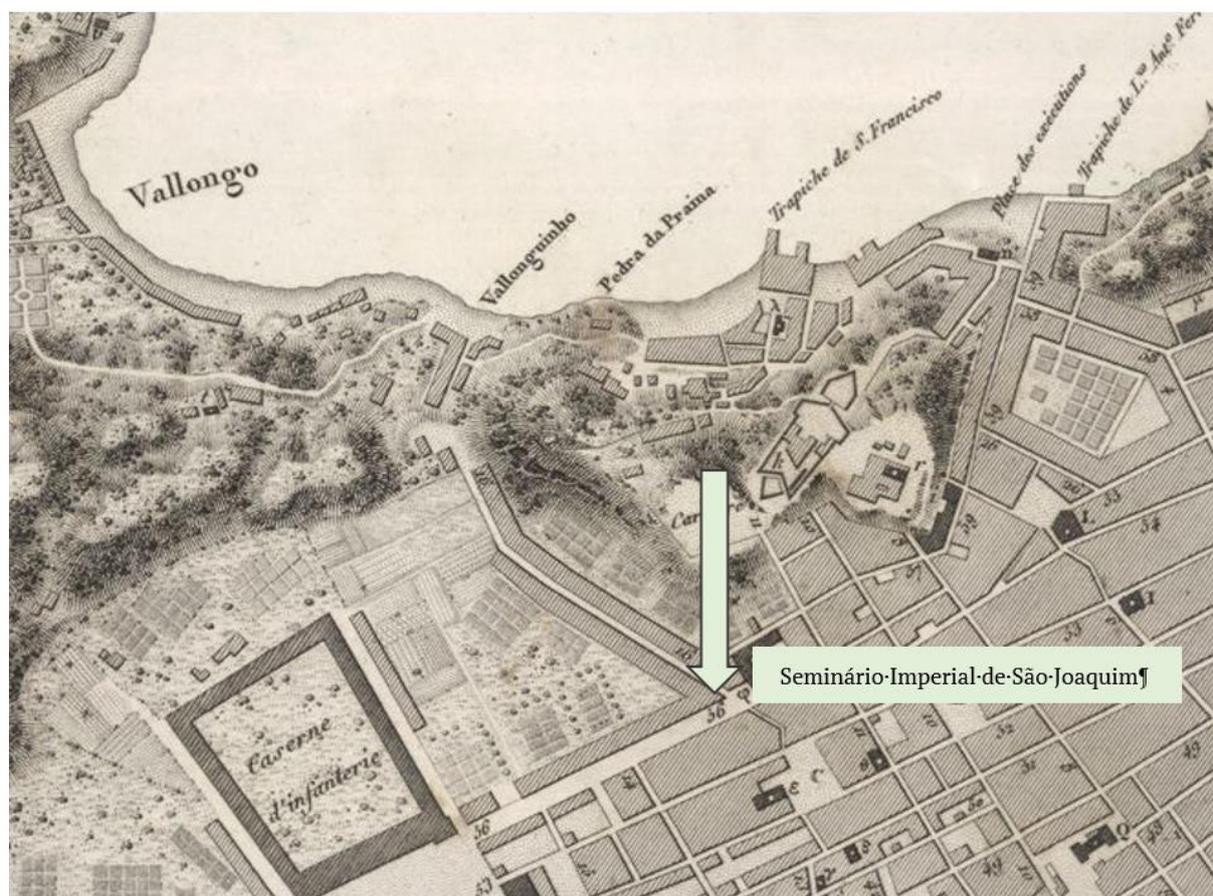
Ora, como se pode perceber, temos aqui uma dimensão material importante para que o controle pudesse ser bem exercido, pois desses aparatos e do seu uso protocolar dependia a eficácia do sistema, bem como a promessa de evitar o ócio, o crime e os contágios, conforme o guia do mestre londrino.

Por fim, outro aspecto a ser observado nas iniciativas do ensino mútuo na capital do Império brasileiro se refere à localização. Essa deveria atender, no mínimo, a duas exigências. A da localização higiênica e a da densidade populacional. Até o momento, as escolas listadas se encontram sítidas nas zonas mais centrais da Capital do Império brasileiro (Figura 9), de modo a poder atingir o máximo de pessoas e justificar a pedagogia que ampara e o investimento material requerido pelo sistema do ensino mútuo; o que fornece pistas robustas e suficientes para dimensionar a escala do controle, um dos imperativos de uma sociedade fundada e reproduzida por esquemas disciplinarizantes cada vez mais suaves, prolongados e científicos.

Figura 9 – Planta da cidade do Rio de Janeiro (1820)



Fonte: Mapa da cidade do Rio de Janeiro (1820).

**Figura 10** – Detalhe da planta da Cidade do Rio de Janeiro (1820)

Fonte: adaptado de Mapa da cidade do Rio de Janeiro (1820).

No caso, observar a distribuição espacial das aulas mútuas na trama da cidade (Figura 10) ajuda a dimensionar os efeitos que pretendia produzir, o que não se restringe à física da cidade e das aulas. Na sequência, de modo indicativo, aponto para a modalidade e escala do controle contida no texto doutrinário do pastor protestante, como recurso mais interno das aulas, visando intensificar a eficácia da disciplina.

Modalidade de controle – para observar como o sistema do ensino mútuo pressupõe uma coerção ininterrupta, constante, a ser exercida mais sobre os processos das atividades corporais, de acordo com uma codificação que esquadrinha, ao máximo, o tempo, o espaço e os movimentos, destaco a nona parte do livro, que focaliza os ‘Instrumentos e modos de castigos’, um elemento que atravessa e organiza a proposta do sistema: Das cadeias de pau; A Cesta; A caravana; Proclamação dos erros de um ofensor perante a Aula; Falta de limpeza; Da prisão depois da aula; Tom de cantar ao ler; Escritos de vergonha; Outra qualidade de castigos.

Escala do controle – Esse marcador pode ser evidenciado em muitas partes do livro. Cabe, no entanto, observar como consta no apêndice, que trata do arranjo das aulas e de seu fornecimento, de modo a sublinhar a prescrição de uma coerção sem folga no plano dos movimentos, gestos, atitudes, rapidez quando trata ‘Do arranjo das

aulas e seu fornecimento’: Do arranjo das lições para as classes; Arranjo das lousas; Lousas; Areia; Fornecimento da Aula - Lista das coisas necessárias para a aula debaixo deste plano de educação; Vantagens que se derivam de estender este plano às aulas chamadas de Domingo.

Como se pode notar, a pedagogia do sistema do ensino mútuo é marcada por uma racionalidade dos detalhes, apresentando e sendo sustentada por elementos interconectados os quais, por sua vez, miram e são justificados pelo externo. O mundo marcado pelo declínio moral, cuja vacina seria uma educação adaptada para formar o coração das crianças, moral e religiosamente, de modo rápido, eficaz e barato, como autorrepresentavam os doutrinadores e propagandistas do sistema do ensino mútuo. Com isso, ao testar o objeto, a modalidade e a escala do controle como dimensões dos esquemas e funcionamento do poder disciplinar, cabe complementar e refinar um pouco mais algumas das formulações adicionais de Foucault a respeito das engrenagens e dos monopólios forjados no mundo moderno, especialmente para tornar pensável a noção de população, esse corpo múltiplo a ser igualmente disciplinado, com auxílio das aulas e dos sistemas autodescritos como mais racionalizados, como é o caso do chamado Sistema de Ensino Mútuo.

## (DES)ENLACES

Ao observar uma mudança na escala, objeto e modalidade das ações sobre o corpo, Foucault (1991) considera que os métodos que permitem o controle constante das forças e que impõem uma relação de docilidade-utilidade é o que se pode chamar de ‘disciplinas’. Com as disciplinas, diferentemente da escravidão, domesticidade e vassalagem, o corpo humano entra em uma maquinaria de poder, que o esquadrinha, desarticula e recompõe, com vista a aumentar as forças do corpo em termos de utilidade. Para ele, a invenção das disciplinas, dessa nova anatomia política, não deve ser entendida como uma descoberta súbita. Neste sentido, elas nasceram a partir das experiências desenvolvidas nos colégios, hospitais, organizações militares e religiosas e se consolidaram porque incorporaram a preocupação com o detalhe, no cálculo do infinitamente pequeno, na descrição das características mais tênues dos seres, visto que a nova racionalidade pautada nas disciplinas pretendia articular o ínfimo ao infinito e, na eminência do detalhe, desenvolver-se-iam as meticulosidades da educação cristã, da pedagogia escolar ou militar e de todas as formas de treinamento, como observável nos princípios estruturantes do Sistema do Ensino Mútuo.

A disciplina também exige a presença de uma *cerca*, a especificação de um lugar próprio, fechado em si mesmo para que possa funcionar no seu ótimo, como sua eficácia máxima. No entanto, o isolamento não é suficiente para o bom funcionamento dos aparelhos disciplinares. Para ele, o espaço deve favorecer a localização imediata dos indivíduos, segundo a máxima de cada indivíduo em seu

lugar e, em cada lugar, um indivíduo. Trata-se do quadriculamento e da ideia de que o espaço para o bom funcionamento das disciplinas é, no fundo, celular. Ora, ao se observar a física das salas, o mobiliário, os esquemas de promoção, retenção e recuos previstos na pedagogia mutualista, a arte das distribuições é constituída em um dos princípios estruturantes, como consta, por exemplo, no capítulo III do livro de Lancaster, intitulado ‘Das salas para as aulas, escritaninhas e arranjos preparatórios’.

Os mecanismos de apropriação do tempo são retomados no item ‘o controle das atividades’. Neste ponto, Foucault (1991) chama atenção para as regras que presidem o tempo nas instituições disciplinares. A primeira diz respeito ao estabelecimento dos horários no sentido de esta medida marcar as cesuras, as obrigações e os ciclos de repetição. Um outra diz respeito à elaboração temporal do ato, de modo que no ato, a ser decomposto em seus elementos mínimos, define-se a posição do corpo, dos membros, das articulações e, para cada movimento, é determinada uma direção, uma amplitude, uma duração; é prescrita sua ordem de sucessão. O tempo penetra no corpo. Qual é o grande exemplo para ele? A marcha. Que outro exemplo oferece? A escrita.

A terceira regra se refere ao bom emprego do tempo. Nada deve ficar ocioso ou inútil; tudo deve ser chamado a formar o suporte do ato requerido, do mínimo gesto. O corpo e os gestos são correlacionados. Penúltima regra da apropriação do tempo na esfera do poder disciplinar – a articulação corpo-objeto. A disciplina define cada uma das relações que o corpo deve manter com o objeto que manipula, devendo estabelecer uma cuidadosa engrenagem entre um e outro. Por fim, a utilização exaustiva do tempo, de modo a extrair sempre mais instantes disponíveis e de cada instante sempre mais forças úteis.

No livro do pastor londrino, traduzido pelo estudante do Porto, em 1823, a regulação do tempo se encontra presente em vários capítulos, sobretudo nos que se dedicam a prescrever o método de ensinar o alfabeto, como destacado anteriormente, mas também no que se dedica ao método para ensinar aritmética, no capítulo ‘Nas ordens e mandados’ e no apêndice ‘Do arranjo das aulas e seu fornecimento’.

No item ‘composição das forças’, Foucault procura demonstrar que a disciplina deixa de ser uma arte de repartir os corpos, de extrair e acumular o tempo deles, constituindo-se como uma arte de compor forças para obter um trabalho eficiente. O corpo singular passa a ser compreendido como um fragmento móvel, que age em um tempo composto, de modo a extrair a máxima quantidade de forças de cada um e combiná-la para se chegar a um resultado ótimo. Para tanto, para que as forças sejam compostas e funcionem de acordo com o projeto de extração máxima, exige-se um sistema preciso de comando. Este, por sua vez, deve estar ancorado na brevidade e clareza das ordens, de modo a provocar o comportamento desejado, como destacado nos comandos precisos para o ensino do alfabeto e aritmética.

Ao abordar como as forças devem ser compostas, reconhece o corpo como peça de uma máquina multissegmentar, sendo a escola primária um dos lugares em que essa marca pode ser mais bem evidenciada. Para ele

Do século XVII até a introdução, no começo do XIX, do método Lancaster, o mecanismo complexo da escola mútua se constrói uma engrenagem depois da outra: confiaram-se primeiro aos alunos mais velhos<sup>21</sup> tarefas de simples fiscalização, depois de controle do trabalho, em seguida, de ensino; e então no fim das contas, todo o tempo de todos os alunos estava ocupado seja ensinando seja aprendendo. A escola torna-se um aparelho de aprender onde cada aluno, cada nível e cada momento, se estão combinados como deve ser, são permanentemente utilizados no processo geral de ensino (Foucault, 1999, p. 190).

A arte de compor as forças não prescinde das artes de punir como instrumento complementar para o bom adestramento, que não visa à expiação nem à repressão. Para Foucault (1991), punir põe em funcionamento cinco operações bem distintas: relacionar os atos, os desempenhos, os comportamentos singulares a um conjunto, que é ao mesmo tempo campo de comparação, espaço de diferenciação e princípio de uma regra a seguir. Com isto, apreciam-se as diferenças que emergem, estabelecendo um gradiente que vai do ótimo até os comportamentos intoleráveis. Daí que a penalidade e o jogo de promoções a ela correlato que procura atravessar todos os pontos e controlar todos os instantes nas instituições disciplinares.

O exame, constituído como parte do instrumental do adestramento ao combinar as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza, reunindo a cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade, supõe, ainda, um mecanismo que liga um certo tipo de formação de saber a uma certa forma de exercício de poder, pois o exame:

- a) inverte a economia de visibilidade no exercício do poder.
- b) faz a individualidade entrar em um campo documental, pois os procedimentos examinatórios são acompanhados de um sistema de registro intenso e de acumulação documental, que procura captar e fixar os indivíduos. Graças a todo o aparelho de escrita que acompanha o exame, ele abre duas possibilidades que são correlatas: a constituição do indivíduo como objeto descritível, analisável para reconhecer seus traços singulares, em sua evolução particular, em suas aptidões ou capacidades próprias, sob o controle de um saber que pretende ser permanente. Por outro lado, a constituição de um sistema comparativo que permite a medida de

---

<sup>21</sup> Nas prescrições de Lancaster, essas atribuições deveriam ser dos mais adiantados, os quais, por merecimento, ocupariam a posição de monitores ou decurhões.

fenômenos globais, a descrição de grupos, a caracterização de fatos coletivos, a estimativa dos desvios dos indivíduos entre si, sua distribuição em uma ‘população’<sup>22</sup>.

- c) transforma cada indivíduo em um ‘caso’ – trata-se do indivíduo tal como pode ser descrito, mensurado, medido, comparado a outros e isso em sua própria individualidade. Trata-se também do indivíduo que tem que ser treinado ou retreinado, classificado, normalizado, excluído.

Mas o que é constituído em alvo privilegiado da disciplina? Para Foucault, em um regime disciplinar, a criança, o doente, o louco e o delinquente são mais individualizados do que os adultos, os sãos, o normal e os não delinquentes. É em direção aos primeiros que se voltam, em nossa civilização, todos os mecanismos individualizantes. Portanto, é sobre os primeiros que o poder disciplinar vai incidir não apenas em termos negativos (excluir, reprimir, recalcar, mascarar, esconder...), mas também para produzir realidade, campos de objetos e rituais de verdade, sendo que o indivíduo e conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção. No entanto, ao encerrar o capítulo relativo ao adestramento, Foucault indaga: Mas emprestar tal poderio às astúcias, muitas vezes minúsculas, da disciplina, não seria lhes conceder muito? De onde podem elas tirar tão vastos efeitos?

Para explorar este problema, a terceira parte do livro *Vigiar e punir* focaliza o modelo disciplinar. Um modelo compacto do dispositivo disciplinar é constituído por um espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos em um lugar fixo, os menores movimentos são controlados, todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e distribuído entre os vivos, os doentes e os mortos (Foucault, 1991, p. 174).

Ingressa-se no registro dos modelos em circulação e nas suas formas de articulação. Se a disciplina fixa, imobiliza ou regulamenta os movimentos, resolve as confusões, as aglomerações compactas sobre as circulações incertas, as repartições calculadas, deve igualmente dominar as forças que se formam a partir da própria constituição de uma multiplicidade organizada; deve neutralizar os efeitos de contrapoder que dela nascem e que formam resistência ao poder que quer dominá-la: agitações, revoltas, organizações espontâneas, conluios – tudo o que pode se originar das conjunções horizontais.

As disciplinas também devem fazer crescer a utilidade singular de cada elemento na multiplicidade, mas por meios que sejam os mais rápidos e menos

<sup>22</sup> O estudo da relação entre o mecanismo do exame e sua intensificação com o aparecimento da preocupação com a noção de população merece uma nota, visto que indicia, de modo sutil, a direção que Foucault (1999, 2008a, 2008b) vai imprimir a seus trabalhos/cursos seguintes. Nos cursos de 1975-76 (*Em defesa da sociedade*), 1977-78 (*Segurança, Território, População*) e 1978-79 (*Nascimento da biopolítica*), o tema da população e do governo vão assumir centralidade em suas reflexões.

custosos, utilizando a própria multiplicidade como instrumento desse crescimento. Para extrair dos corpos o máximo de tempo e de forças, esses métodos de conjunto que são os horários, os treinamentos coletivos, os exercícios, a vigilância ao mesmo tempo global e minuciosa. Além disso, é preciso que as disciplinas façam crescer o efeito de utilidade próprio às multiplicidades, e que tornem cada uma delas mais útil que a simples soma de seus elementos. É para fazer crescer os efeitos utilizáveis de múltiplo que as disciplinas definem táticas de distribuição, de ajustamento recíproco dos corpos, dos gestos e dos ritmos, de diferenciação das capacidades, de coordenação recíproca em relação a aparelhos ou a tarefas.

A disciplina faz funcionar as relações de poder não acima, mas na própria trama da multiplicidade, da maneira mais discreta possível, por meio de instrumentos anônimos e coextensivos à multiplicidade que regimentam, como a vigilância hierárquica, o registro contínuo, o julgamento e a classificação perpétuos (Foucault, 1991). Multiplicidade que pode ser uma oficina ou uma nação, um exército ou uma escola, um asilo ou uma família.

Ao caracterizar o poder disciplinar sobre o corpo, no que mobiliza para adestrar e nos modelos ideais, é possível observar o nascimento das novas tecnologias ou instituições disciplinares, assinalando a presença de preocupações mantidas nesta nova modalidade de poder. Cumpre assinalar que o aparecimento das engrenagens disciplinares e seu funcionamento se dá em um campo de forças, integrado por aquilo que já existia e que não foi completamente eliminado e pelas novas formas de agitações, conluios, dissidências e revoltas fomentadas pelo próprio poder disciplinar. São os contrapoderes a que Foucault se refere e que, em alguma medida, fornecem uma chave para se compreender os investimentos já realizados e o que vai ter continuidade no curso que se segue ao *Vigiar e punir*, isto é, o curso de 1975/76, intitulado 'Em defesa da sociedade'.

Na aula de 7 de janeiro desse curso, afirma que se mantém preocupado como os mecanismos, efeitos e relações entre os diversos dispositivos de poder que se exercem em níveis diferentes da sociedade, em domínios e com extensões variadas. A disciplina, para ele, faz aparecer um outro tipo de corpo. Um corpo múltiplo, numerável, quantificável, sobre o qual deve incidir medidas gerais, medidas calculadas. É a noção de população que emerge. O poder disciplinar parece abrigar uma nova formulação, a do biopoder, ou poder sobre a vida, poder a ser exercido sobre muitos, sobre a população. O jogo ou formas de exercício de poder adquirem outro desenho com a entrada em cena dos mecanismos de regulação da população ou do biopoder.

A escola e os sistemas forjados para regulá-la, há muito, operam com o par disciplina e biopoder, já que ambos, os corpos individuais e o corpo múltiplo, são indissociáveis. Daí o argumento mobilizado pelos mutualistas e remobilizado com frequência quando se faz o diagnóstico da falência moral e se inventa ou reinventa-se uma vacina chamada escola, obrigatória, de longa duração e marcadamente desigual;

condição para manter atual o diagnóstico da insuficiência ou fracasso e, como efeito correlato, a necessidade dos instrumentos e pedagogias pautados em uma rede de coerção mais ou menos sutis a agir, cada vez mais, sobre o indivíduo e sobre as multiplicidades, de modo a obter docilidade e rentabilidade máxima dos corpos e homeostase das populações.

Trata-se, pois, de fundamentos que foram assumidos pelos doutrinadores da pedagogia mutualista que, atentos para o um e para o múltiplo, organizaram um Sistema, uma racionalidade, uma arte das doses a ser planetarizada para promover o combate ao declínio moral e obter um senso adequado de excelência moral e religiosa. Afinal, como consta na epígrafe deste artigo, essa ação não é da natureza, devendo ser tarefa do Estado e de suas estatizações promover o serviço classificado como o mais interessante, isto é, aquele destinado a instruir seus filhos, visto que de nada o Estado necessita mais do que bons cidadãos

## REFERÊNCIAS

- Acevedo Tarazona, Á., & Villamizar Palacios, C. (2024). Origen de escuela lancasteriana en Colombia: historiografía y propósito de implementación en la Constitución de Cúcuta de 1821. *Revista Historia de la Educación Latinoamericana*, 26(42). <https://doi.org/10.19053/uptc.01227238.17517>
- Andrade, D. E-J. (2011). *A Revista Niterói e a disputa pela hegemonia no período regencial*. Anais do Seminário Nacional da ANPUH.
- Baeza, A. (2016). One local dimension of a global project: the introduction of the monitorial system of education in post-independent Chile, 1821-1833. *Bulletin of Latin America Research*, 36, 340-353, 2016. <https://doi.org/10.1111/blar.12483>
- Barros, S., Arantes, A., & Gondra, J. (Orgs.). (2022). Dossiê história da educação e populações negras. *Revista Brasileira de História da Educação*, 22. <https://doi.org/10.4025/rbhe.v22.2022.e207>
- Bastos, M. H. C., & Faria Filho, L. M. (Orgs.). (1999). *A escola elementar no século XIX: o método monitorial/mútuo*. EDIUPF.

- Bell, A. (1797). *An experiment in education, made at the male asylum of Madras. Suggesting a system by which a school or family may teach itself under the superintendance of the mather or parent.* <https://encurtador.com.br/LWLoq>
- Brasil. Ministério do Império (1834): *Relatorio da Repartição dos Negocios do Imperio* (R). Typographia Nacional. Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=720968&pagfis=35>
- Caruso, M., & Roldán Vera, E. (2005). Pluralizing meanings: the monitorial system of education in Latin America in the early nineteenth century. *Paedagogica Historica*, 41(6), 645-654. <https://doi.org/10.1080/00309230500336707>
- Dussel, I., & Caruso, M. (2003). *A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar.* Moderna.
- Ferreira, D. N. A., & Schwartz, C. M. (2014). Política, poder e instrução: a educação feminina no método Lancasteriano (uma análise da lei 15 de outubro de 1827, à luz do ensino mútuo). *Revista Brasileira de História da Educação*, 14(1[34]), 49-72. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38863>
- Fonseca, M. V., & Barros, S. A. P. (Orgs.). (2016). *A história da educação dos negros no Brasil.* EdUFF.
- Foucault, M. (1991). *Vigiar e punir.* Vozes.
- Foucault, M. (1999). *Em defesa da sociedade.* Martins Fontes.
- Foucault, M. (2006). *O poder psiquiátrico.* Martins Fontes.

Foucault, M. (2008a). *Nascimento da biopolítica*. Martins Fontes.

Foucault, M. (2008b). *Segurança, território, população*. Martins Fontes.

Gasparello, A. (2015). A nação imaginada nos livros didáticos do século XIX. *Cadernos de História da Educação*, 14(1). <https://doi.org/10.14393/che-v14n1-2015-3>

Gondra, J. (2025). O confisco geral do corpo, do tempo, da vida: emancipar e formar brasileiros, brasilianos/as, brasileiros/as. *Revista Cadernos de Pesquisa*, 32, 1-31. <https://doi.org/10.18764/2178-2229v32n1e25229>

Gréard, O. (1911). Mutuel (enseignement). In F. Buisson (Org.), *Nouveau dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire*. Hachette. <http://www.inrp.fr/edition-electronique/lodel/dictionnaire-ferdinand-buisson/document.php?id=3249>

Jáuregui, R. M. (2003). El método de Lancaster. *Educere*, 7(22), 225-228.

Lancaster, J. (1805). *Improvements in education, as it respects the industrious classes of the community, containing, among other important particulars, an account of the institution for the education of housand poor children, one Borough Road, Southwark; and of the new system of education on which it is conducted*. Darton and Harvey.

Lancaster, J. (1810). *The british system of education: being a complete epitome of the improvements and inventions practised at the royal free schools, Borough road, Southwark*. Sold At The Royal Free School.

Lancaster, J. (1823). *Systema britanico de educação* (Guilherme Skinner, trad.). Typ. da Viuva Alvarez Ribeiro & Filhos.

Limeira, A.; Gondra, J. (2022). *Educação e processos de emancipação no Brasil: novas abordagens e perspectivas (1815-1872)*. Curitiba: Appris.

Mac Cord, M., Araújo, C. E. M., & Gomes, F. S. (2017). *Rascunhos cativos: educação, escolas e ensino no Brasil escravista*. Sete Letras.

*Mapa da cidade do Rio de Janeiro*. 1820.

[https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mapa\\_da\\_cidade\\_do\\_Rio\\_de\\_Janeiro.jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mapa_da_cidade_do_Rio_de_Janeiro.jpg)

Neves, F. M. (2003). *O método Lancasteriano e o projeto de formação disciplinar do povo (São Paulo, 1808-1889)* [Tese de doutorado]. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis.

Olivato, L. (2020). *Um projeto educacional nas independências: a circulação do plano do ensino mútuo na América do Sul* [Tese de doutorado]. Universidade de São Paulo.

Oliveira, J. L. C. (2019). *A moralização do tempo em Simão de Nantua ou o Mercador de Feiras: experiência da história, imprensa e linguagem sentimental na cultura histórica brasileira como contexto da Abdicação (1831- 1834)* [Dissertação de mestrado]. Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto.

Paiva, E. F. (2006). Leituras (im)possíveis: negros e mestiços leitores na América portuguesa. In: Dutra, Eliana Regina de Freitas; Mollier, Jean-Yves (org.). *Política, Nação e Edição: o lugar dos impressos na construção da vida política - Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, p. 481-493.

Roldán Vera, E. (2013). Para “desnacionalizar” la historia de la educación: reflexiones en torno a la difusión mundial de la escuela lancasteriana en el primer tercio del siglo XIX. *Revista Mexicana de Historia de la Educación*, 1(2), 171-198.

Roldán Vera, E., & Schupp, T. (2005). Bridges over the Atlantic: a network analysis of the introduction of the monitorial system of education in early-independent Spanish America. *Comparativ*, 15(1), 58-93.

Sena, F. (2014). Tesouro de meninas e tesouro de meninos: leitura de civilidade na América Portuguesa. *Educação Unisinos*, 18(3), 312-319. <https://doi.org/10.17564/2316-3801.2014v3n1p31-42>

Silva, L. S. C. (2023). *Tensões na escola do imperador: uma crítica à história única dos trabalhadores do Colégio Pedro II (1837-1889)* [Tese de doutorado]. UFF.

Tambara, E. (2002). Trajetórias e natureza do livro didático nas escolas de ensino primário no século 19 no Brasil. *Revista História da Educação*, 6(11), 25-52. <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30597>

Teixeira, G. (2006). *O grande mestre da escola* [Dissertação de mestrado]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Teixeira, G. (2008). *Compêndios autorizados, saberes prescritos: uma análise da trajetória dos livros nas escolas da Corte Imperial*. FBN. <https://antigo.bn.gov.br/producao-intelectual/documentos/compendios-autorizados-saberes-prescritos-uma>

Teixeira, G., & Gondra, J. (2010). Observatório das aulas? Livros escolares e pesquisa em história da educação. In: A. W. Mendonça (Org.), *História e educação: dialogando com as fontes* (1a ed., pp. 117-143). Editora Forma & Ação.

Torres, M. C. (2017). Inventando la nación: el impacto del modelo lancasteriano en las escuelas bolivianas (1830-1840). *Anuario de Estudios Bolivianos Archivísticos y Bibliográficos*, (23), 223-264.

Tronchot, R.-R. (1973). *L'enseignement mutuel en France de 1815 à 1833, les luttes politiques et religieuses autour de la question scolaire* [Thèse de doctorat d'État ès lettres]. Université de Lille.

---

**JOSÉ GONÇALVES GONDRA:** Professor Titular de História da Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisador do CNPq e da FAPERJ, no Programa Cientista do Nosso Estado. Foi editor-chefe da Revista Brasileira de História da Educação entre 2022 e 2024.

**E-mail:** gondra.uerj@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-0669-1661>

**Recebido em:** 28.11.2024

**Aprovado em:** 02.03.2025

**Publicado em:** 14.04.2025

**EDITOR-ASSOCIADO RESPONSÁVEL:**

Carlos Eduardo Vieira (UFPR)

E-mail: cevieira9@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6168-271X>

**RODADAS DE AVALIAÇÃO:**

R1: três convites; dois pareceres recebidos.

**COMO CITAR ESTE ARTIGO:**

Gondra, J. G. (2025). “Uma arte das doses”: ensino mútuo, microgoverno das aulas e da vida no Rio de Janeiro (1816-1833). *Revista Brasileira de História da Educação*, 25, e364. DOI:

<https://doi.org/10.4025/rbhe.v25.2025.e364>

**FINANCIAMENTO:**

A RBHE conta com apoio da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) e do Programa Editorial (Chamada N° 30/2023) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

**LICENCIAMENTO:**

Este artigo é publicado na modalidade Acesso Aberto sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 (CC-BY 4).